

O tambor tribal de McLuhan

Nelia R. Del Bianco¹
(Universidade de Brasília)

Resumo:

O presente ensaio é resultado de uma leitura crítico-compreensiva do texto “Rádio, o tambor tribal”, trigésimo capítulo do clássico livro de Marshall McLuhan, *Understanding Media: The Extensions of Man*, publicado em 1964. Interpreta o significado que McLuhan atribuiu ao rádio como o tambor tribal da era eletrônica à luz dos conceitos “o meio é a mensagem” e “os meios são extensões do homem”. Mostra a importância dessa reflexão para compreensão dos efeitos do rádio na sociedade. Além de ressaltar a atualidade do conceito de rádio associado ao sistema nervoso central do homem.

Palavras chaves: rádio, tecnologia, inovação tecnológica, meios de comunicação, McLuhan.

Francis Bacon ofereceu um célebre conselho para quem quer refletir sobre um autor e sua obra: “Não leia com o intuito de contradizer ou refutar, nem para acreditar ou concordar, mas para refletir e avaliar”. A leitura de *Rádio, o Tambor Tribal* de Marshall McLuhan, apresentada neste ensaio pretende seguir à risca esse sábio conselho. É a atitude mais justa que se poderia adotar em relação ao polêmico ensaísta canadense que seguiu boa parte de sua vida sendo alvo de duras críticas. Muitas delas injustas. Poucos foram os que se dedicaram a lê-lo com o propósito de refletir e avaliar. Menos ainda foram os que compreenderam o que ele queria dizer. Muitos julgaram-no com o propósito de contradizer e rotular seu pensamento de impreciso e determinista.

Em *Rádio, o Tambor Tribal*, McLuhan explica a natureza tecnológica do rádio e seus efeitos sociais por meio de conceitos que permeiam *Understanding Media*, como “o meio é a mensagem” e “os meios são extensões do homem”. Duas premissas presidem a

¹ Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Doutora em Comunicação pela ECA-USP, Mestre em Comunicação pela UnB, ex-coordenadora do GT Rádio da Intercom no período de 1995-1999.

epistemologia dos meios eletrônicos elaborada por McLuhan: “ nos convertemos no que contemplamos” e “criamos nossas ferramentas e logo estas nos modelam”. É com base nessas premissas que McLuhan examina duas grandes revoluções tecnológicas que impulsionaram mudanças estéticas, culturais e sociais: a invenção da imprensa no século XV e as novas aplicações da eletricidade (telegrafo, telefone, televisão, rádio e computador).

Ao analisar a passagem do modelo de comunicação linear da era tipográfica, fundada com a invenção de Gutenberg, para a era eletrônica, dominada pelo rádio e a televisão, McLuhan percebeu que a tecnologia cria uma ambiência por onde o homem transita. O conceito de ambiente se traduz na atmosfera, ou seja, em algo invisível, porém atuante na atividade humana a ponto de contribuir para produzir estilos de vida. Esse ambiente era uma espécie de segunda natureza que formava o próprio homem e moldava seus padrões e modos de perceber o mundo. Por essa relação, os meios tornavam-se “extensões do homem” como se fossem prolongamentos do corpo, próteses dos sentidos que condicionam mudanças em nosso comportamento.

A partir desse argumento, McLuhan (1977:15) concluiu que a era eletrônica abalou os fundamentos enraizados na experiência de mundo do homem tipográfico, porque o colocou imerso num mundo visual, áudio-tátil, simultâneo e “tribalizado”, muito diferente do mundo linear e destribalizado criado pela cultura letrada. A palavra impressa fizera a civilização ocidental letrada homogênea, uniforme e unidimensional. O rádio, ao contrário, estabeleceu conexão íntima com a cultura oral, graças ao seu poder de envolver e afetar as pessoas em profundidade. Trouxe à tona ecos de antigos tambores tribais.

Essa força arcaica do rádio, segundo McLuhan, está na própria natureza tecnológica do meio. Ao produzir imagens auditivas, o rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente que propicia às pessoas um mundo particular em meio às multidões. Alarga o sentido da audição e as faculdades humanas, tornando-se uma extensão do sistema nervoso central. Por essa característica, altera os índices de sensibilidade ou modos de percepção de quem transita em ambientes moldados por ele.

Nesse sentido, o rádio envolve as pessoas num sistema nervoso de informação com notícias, hora certa e prestação de serviço em tempo real; ou mesmo quando cria um ambiente de cumplicidade e intimidade com a comunicação afetiva do disc-joquei.

Os efeitos do rádio não estariam, portanto, na sua programação. “O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio”, afirmava McLuhan (2000:33). Traduz a idéia de que o elemento fundamental para a compreensão dos efeitos sociais do rádio reside na natureza mesma desse meio, nas suas características específicas, de estrutura e funcionamento que acabam por moldar sua mensagem. O que mais interessa não o que diz o rádio, mas o fato de existir e transformar a sociedade.

São as transformações que o rádio provoca a sua mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma de ações e associações humanas. O rádio resgata, pela força de seu conteúdo tecnológico, o vínculo das pessoas com sua comunidade. McLuhan observava que esse retorno aos modos coletivos de perceber o mundo não se dava no sentido de homogeneização. Ao contrário, a natureza descentralizadora e pluralística do rádio, ao mesmo tempo coletiva e pessoal, atua no sentido contrário à homogeneização quando ressuscita arcaísmos e revivência o poder da identidade.

O conceito “o meio é a mensagem”² foi uma forma que McLuhan encontrou para iluminar a compreensão sobre algo que permanece oculto: o verdadeiro impacto dos meios de comunicação da era eletrônica sobre o nosso modo de perceber e sentir a vida. Os efeitos desses meios se fazem presentes de forma subliminar, e quando se toma consciência deles é possível não se entregar a eles cegamente:

“Todos os meios agem sobre os homens de modo total. Eles são tão penetrantes que suas conseqüências pessoais, política, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos atingida, intocada ou inalterada. O meio é a ‘massa-gem’. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como meio ambiente.” (McLuham e Fiore, s/d:54)

² O clássico aforismo de McLuhan, o meio é mensagem teve origem na obra de Harold Innis, importante historiador e economista canadense. A contribuição principal de Innis foi estudar as mudanças econômicas e sociais a partir de uma perspectiva holística, na qual destacava a importância dos sistemas de transporte e de comunicação no desenvolvimento econômico. Argumentava que a tecnologia era capaz de dar forma à cultura, à civilização. Em sua obra, Innis procurou estabelecer relação entre a ascensão e queda de civilizações e o meio de comunicação na época. Considerava que os sistemas de comunicação constituíam extensões tecnológicas da mente e da consciência, sendo a chave para compreensão dos valores e das fontes de poder. De fato, o cerne da obra de McLuhan está fincado nesse pensamento de Innis. Muitos críticos acusam-no de ter apenas copiado Innis. Biógrafos de Innis, no entanto, acreditam que McLuhan apenas ampliou o pensamento do economista. Na verdade, um deve ao outro: McLuhan deve o background de seu trabalho a Innis, e Innis deve a McLuhan a capacidade de sumarizar o seu trabalho, popularizando-o. Ver Santos (1992: 68-75) e Onufrijchuk (1993).

O mérito da reflexão de McLuhan sobre o rádio na obra *Understanding Media: The Extensions of Man*, publicada em 1964, está em trazer à tona algo que passava despercebido: o poder do rádio em retribalizar. Para explicar a inconsciência diante desses efeitos, McLuhan recorreu ao simbolismo do tambor tribal para condensar a imagem do que desejava comunicar: o rádio como uma tecnologia que fortalece a conexão do homem com o grupo, com a comunidade, que foi capaz de reverter rapidamente o individualismo do homem tipográfico para o coletivismo. O meio resgata virtudes perdidas que, na sua opinião, deveriam ser encaradas com satisfação e apreciação.

Ao explicar o poder de transformação dos meios, McLuhan, faz pensar sobre a cegueira que uma tecnologia pré-existente produz numa sociedade especialmente em momentos históricos de choque e tensão, quando as pessoas se entregaram sem pensar aos efeitos dos meios. É em tal estado de inconsciência ou hipnose que a sociedade recebe a nova tecnologia, o que responde por muito do caráter deformante ou até desastroso da assimilação e incorporação da nova tecnologia. Dois exemplos históricos ilustram esse argumento: a famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana e o uso do meio na propaganda nazista. Em ambos se procurava explicar o poder de transformação do rádio, mas pouco se discutiu sobre a inconsciência das pessoas a respeito da atuação psíquica da tecnologia. Quer dizer, pouco se percebe que as tecnologias contribuem para a produção de sentidos, porque criam uma ambiência na qual o homem se move, e que seus efeitos são culturais.

As leis da mídia

A atualidade da análise dessa visão sobre o rádio pode ser comprovada a partir das “Leis da Mídia”, uma teoria criada por ele e ainda pouco discutida no Brasil. Em 1970, McLuhan e seu filho Eric começaram a trabalhar na formulação de leis que pudessem explicar os efeitos da nova mídia. O primeiro rascunho da teoria foi publicado em um jornal acadêmico no ano de 1975. Só mais tarde, em 1988, oito anos depois de sua morte, Eric publicou o livro do pai: *Laws Of Media: The New Science*.

McLuhan partiu de Aristóteles para construir as leis que regem a mídia. Aristóteles identificou quatro causas da ação humana: a) causa formal: o planejamento da ação; b) causa material: os componentes ou materiais utilizados; c) causa de eficiência: os métodos; d) causa final: o objetivo da ação.³ Ao refletir sobre essa teoria, McLuhan teve um insight: por que não identificar quatro efeitos que poderiam traduzir os impactos e as implicações de uma nova tecnologia?

Cruzando sua reflexão sobre a mídia com as quatro causas da ação humana, McLuhan (1988) concluiu que uma nova mídia provoca os efeitos de destacar, obsolescer, resgatar e reverter. Explicando melhor: uma invenção **ressalta** alguma característica ou experiência humana de modo que tornará **obsoleto** algum modo de fazer as coisas; ao mesmo tempo **recupera** um velho método ou experiência há muito abandonado e por último, tem um efeito **reverso** ou oposto ao que se pretendia. Os efeitos seriam simultâneos e não sequenciais.

Será que o texto *Rádio, o Tambor Tribal* contém elementos que permitem caracterizar o rádio a partir das quatro leis da mídia? Seguindo orientações do próprio McLuhan, a melhor forma de aplicar essas leis é transformá-las em perguntas para que se possa compreender melhor o que acontece com uma dada tecnologia. O que o rádio acentua ou intensifica? A cultura oral, a fala humana. O rádio está mais próximo do tribalismo. O que o rádio torna obsoleto ou substitui? A cultura da escrita. O impresso é a tecnologia do individualismo; o rádio é a tecnologia da tribo. O que o resgata e que estava na obsolescência? O sentido de comunidade, a voz do quarteirão, o localismo, a magia tribal antes soterrada na memória, o acesso ao mundo não visual, a comunicação íntima e particular de pessoa a pessoa. Qual é o efeito reverso ou oposto ao que pretendia? De meio criado originalmente para comunicação ponto a ponto, o rádio torna-se massivo, explosivo, mobilizador, um meio “quente” e rápido para transmitir informação, notícias e realizar prestação de serviços.

McLuhan reflete sobre o rádio num período de explosão dos meios eletrônicos. Na década de 60, o desenvolvimento do rádio foi moldado, em grande parte, pela chegada ao mercado de sucessivas gerações de receptores e pelas inovações tecnológicas no sistema de

³ SHERIDAN, WILLIAM. *The paradigm shift of the information age*. Disponível em <http://www3.sympatico.ca/cypher/effects.htm>. Acesso em 3 jan. 2005.

transmissão. A disseminação do transistor, por exemplo, favoreceu o aparecimento de aparelhos portáteis, livres de fios e tomadas dos antigos receptores a válvulas. Os custos de produção dos aparelhos portáteis caíram, permitindo sua popularização e alcance a um público ouvinte mais amplo. A inovação possibilitou a transformação da audiência antes coletiva em individual. Ao lado disso, houve uma expansão de emissoras FM, o que deu vida nova ao veículo estagnado pelo predomínio do AM. Na Europa, a FM favoreceu a criação de emissoras piratas e comunitárias; nos Estados Unidos consolidou a segmentação da programação; e no Brasil trouxe incentivo comercial ao meio que perdia espaço para a TV na disputa das verbas publicitárias ao oferecer uma programação diversificada quanto aos estilos de música e à locução, além da qualidade sonora estéreo que se transformou em padrão de referência para a radiodifusão. O rádio de McLuhan era vibrante, ágil, interativo, portátil capaz de seduzir, sensibilizar, mobilizar, entreter e informar. Uma visão que não perdeu a atualidade.

Pensador polêmico

A reflexão de McLuhan sobre o rádio está inserida na polêmica obra *Understanding Media: The Extensions of Man*. Embora *The Gutenberg Galaxy* de 1962 tenha sido a sua obra fundamental, foi em *Understanding Media* que ganhou popularidade. Segundo Santos (1992:73), o livro “apareceu no princípio do movimento pop, e a mensagem revolucionária de McLuhan conquistou o imaginário coletivo”. Em 1965, o New York Herald Tribune chegou a proclamar esse professor de literatura inglesa nascido em 1917 como o pensador mais importante desde Newton, Darwin, Freud, Einstein e Pavlov. De acordo Laphan (1996:10), autor da introdução à edição da obra para o MIT, muitos dos que comentavam ou elogiavam suas idéias pouco compreendiam sobre o que ele queria dizer. No máximo intuía que estavam diante de algo importante, porém em sua grande maioria o interpretava como se sua intenção fosse vender uma teoria dos meios de comunicação e assim aplicavam as teorias de McLuhan para fins próprios.

Understanding Media não é um livro fácil de ler. Nele, McLuhan analisa e descreve, configura e esboça nada menos de vinte e seis tecnologias, desde a palavra até a automação. Em cada uma procura dissecar e analisar fragmentos, indicando e esclarecendo

modos de compreender os media. Ele descreve um mundo em que as pessoas passam a maior parte de sua vida em espaços fechados, mediado pelas imagens e sons dos meios eletrônicos. Foi nessa obra que McLuhan lançou conceitos-chaves do seu pensamento como “meio é a mensagem”, “os meios são extensões do homem”, “meios quentes e frios”. Pode ser considerado um livro pouco sistemático para padrões acadêmicos, porque a narrativa é na forma de mosaico, uma escrita não linear, irreverente e recheada de jogos de palavras.

O mérito dessa obra de McLuhan foi colocar a tecnologia no centro das mudanças para demonstrar como a nossa memória, percepção e prioridades podem ser afetadas por ela. Ao contrário de aprisionar, a ambiência tecnológica fornece ao homem uma “janela” para perceber o mundo.

Essa visão foi freqüentemente desdenhada pela acadêmica, rendendo a McLuhan a pecha de elaborar um pensamento otimista, marcado por um certo encantamento diante da tecnologia. De certo momento, sua reflexão confronta velhas convicções de que as tecnologias são más e podem controlar o homem. Convicções de que técnica possui um caráter autônomo, separado do homem, sendo portadora de uma ideologia particular de aceitação quase irrefletida. Na direção oposta, McLuhan quis compreender os sentidos culturais, estéticos e sociais da revolução tecnológica; quis entender nossos hábitos mentais derivados do emprego que fazemos dos meios de comunicação.

No seu pensamento, as tecnologias são produto das civilizações, desvendam modelos relacionais e de pensamento de um dado período. Por terem impacto na organização social, fornecem a chave para compreender a evolução da civilização. É através de seus artefatos técnicos que as civilizações se expandem e estabelecem contactos entre si através. Essa forma de pensar de McLuhan (1977) vai além de análises que privilegiam os efeitos perversos que os avanços técnicos podem provocar na sociedade. Sua grande contribuição, segundo Santos (1992: 78) foi difundir a noção de “os meios de comunicação não eram um fator de manipulação, mas de progresso e que não razões para o legado do medo persistir”.

Para os que o idolatrava, McLuhan era o “filósofo da era eletrônica”, um brilhante e irreverente ensaísta. Para os críticos, um intelectual sem rigor acadêmico, impreciso, que fazia uma análise determinista tecnológica da história das culturas ocidentais. De fato, poucos compreendiam que McLuhan tinha idéias menos ‘engessadas’ talvez, por ser

professor de literatura, um homem das letras e das palavras, da poesia e da metáfora. Reconhecer seu pensamento precursor e a capacidade de revelar, de iluminar é uma questão de justiça. Não raro, pesquisadores que saíram em sua defesa eram intelectuais de outras áreas não vinculados ao campo da comunicação. Um dos exemplos mais interessantes é o educador brasileiro Anísio Teixeira. Em 1970, ele recebeu a incumbência do escritor Artur da Távola para fazer glosas ao pensamento do professor de literatura canadense. Ao ler *Understanding Media*, Teixeira (1970:245-247) contraria o pedido do amigo e escreve:

“Realmente, toda novidade de McLuhan está em abordar o problema da história de nossa cultura de modo diferente do convencional, que é o oposto desse óbvio implícito, de que falo. A observação humana, ao longo dos séculos, se deteve em dizer-nos *o que* havia acontecido, chegando ao máximo de *como* tinha acontecido. Mas *porque* acontecera, a isto não respondia a história, nem o pensamento humano. O próprio McLuhan ilustra seu pensamento com o caso do progresso humano: "Por que todo esse progresso?" - "Ora, devido ao avanço científico". - "Mas o que causou esse avanço científico, o que nos levou a ele?" - "Aí, falta a explicação". Toda a novidade de McLuhan está em tentar esclarecer esse "porque". (...) Este canadense, por sua vez, policiou-se menos e 'viajou' mais, sem medo de acertar ou errar, de elogiar ou desmerecer. Desafiou-se, simplesmente, como todo homem inquieto e perspicaz. Quis refletir, questionar e, quem sabe, acordar a consciência de alguns para determinadas conseqüências sociais, a partir de suas observações, muitas das quais 'empíricas' e inconsistentes, sobre as alterações que as tecnologias, as novas, principalmente, podiam causar.”

As críticas excessivas levaram a obra de McLuhan ao ostracismo na década de 80. Para seus detratores, ele nunca foi considerado um teórico da comunicação, pois seu trabalho não poderia ser levado a sério. O certo é que sua obra acabou por constituir uma linha de pensamento única sobre a comunicação que não teve seguidores em sua época (Santos, 1992). De fato, McLuhan esteve à frente de seu tempo histórico. Recusava-se a analisar as mudanças impulsionadas pelas tecnologias da informação e da comunicação pelo espelho do retrovisor.

“O passado foi embora naquela direção. Quando confrontados com uma situação inteiramente nova, tendemos a ligar-nos aos objetos, ao sabor do passado mais recente. Olhamos o presente através de um espelho retrovisor. Caminhamos de costas em direção ao futuro. Os subúrbios vivem imaginariamente na terra de Bonanza”. (McLuhan, s/d: 54)

O reconhecimento de seu trabalho veio na a década de 90, quando pensadores e pesquisadores começaram a entender as rápidas mudanças impulsionadas pelas novas tecnologias digitais da informação e da comunicação. Neste momento, a sua obra começa a

fazer sentido. A incompreensão de antes deu lugar ao espanto quanto à capacidade desse filósofo da era eletrônica em antecipar processos que anos depois poderiam ser entendidos.

McLuhan entendia que todo meio novo trata, num primeiro momento, de integrar os meios precedentes e se referir a eles. O termo hibridização foi cunhado na década de 60 para caracterizar as mudanças provocadas pela grande penetrabilidade da televisão. Trinta anos depois, permanece atual e oferece uma oportunidade especialmente favorável à observação dos componentes e propriedades estruturais da dinâmica do processo em curso. Como afirmava McLuhan (2000:75), a hibridização libera grande força ou energia, como por fissão ou fusão, constitui o momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova.

“Isto porque o paralelo de dois meios nos mantém nas fronteiras entre formas que nos despertam da narcose narcísica. O momento do encontro dos meios é um momento de liberdade, e libertação do entorpecimento e do transe que ele impões aos nossos sentidos.”

Por esse conceito é possível entender hoje que as mutações emergentes por hibridização desencadeiam um realinhamento do sistema de comunicação, abrindo caminho para a convergência de processos e práticas. É nesse ambiente de modificações e reciclagens, onde uma forma não subsiste sem a outra, é que estão sendo moldadas na contemporaneidade as bases do processo de convergência ou integração entre novos e velhos meios.

Revolucionário e visionário, o pensamento de McLuhan saiu do ostracismo para inspirar pesquisadores em todo mundo. A Universidade de Toronto, no Canadá, mantém até hoje o Centre for Culture and Technology criado por McLuhan em 1963. Anualmente o centro recebe centenas de universitários interessados em entender os efeitos da tecnologia sob a cultura e a sociedade a partir de perspectivas teórico-práticas que dão continuidade ao trabalho iniciado por McLuhan. O programa oferece cursos, desenvolve experiências em novas mídias e conduz pesquisas trans-disciplinares envolvendo pesquisadores de vários países vinculados às áreas de comunicação, cultura e tecnologia.

A presença atual de McLuhan na reflexão sobre o impacto das tecnologias digitais na sociedade contemporânea assemelha-se aos efeitos do rádio: ecos de antigos tambores tribais ecoam no presente pela obra de McLuhan.

Bibliografia

COHN, Gabriel. *O Meio é a Mensagem*. In: COHN, Gabriel (org). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: EDUSP, 1971. pp. 363-371.

LAPHAN, Lewis. Introdução a la edición de la MIT Press – El ahora eterno. *Comprender los medios de comunicación – las extensiones del ser humano*. Barcelona: Paidós, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *A galáxia de Gutenberg – A formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____ e FIORE, Quentin. *O meio são as massa-gens – um inventário de efeitos*. Rio de Janeiro: Record, 2º Ed. s/d.

_____. Visão, som e fúria. In LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 153-164.

MCLUHAN, Marshall e MCLUHAN, Eric. *Laws of Media: The New Science*. Toronto: University of Toronto, 1988.

ONUFRIJCHUK, Roman. Introducing Innis/McLuhan concluding: The Innis in McLuhan “System”. *The Australian Journal of Media & Culture*, vol. 7, n. 1, 1993.

SANTOS, José Rodrigues. *O que é comunicação*. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.

TEIXEIRA, Anísio. O pensamento precursor de McLuhan. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.54, n.119, jul./set. 1970. p.242-248.